

Senhorinha de Basto: memórias literárias da vida e milagres de uma santa medieval

Muito afectuosamente,
à Senhora D. Maria Sofia da Cunha Mourão Sotto Mayor Pulido de Almeida,
da Casa da Gandarela,
hoje, como ontem, referência incontornável

1. Ainda não há muito tempo se admitia que, juntamente com algumas vagas crenças, de sabor popular, a onomástica constituísse a «única sobrevivência», na Região do Barroso, «do culto popular desta santa medieval do séc. X»¹. Sobrevivência nortenha e regional, sendo ambos estes traços, como é natural, facilmente verificáveis na vizinha Região de Basto², aqui subsiste

¹ Geraldo J. A. Coelho DIAS, (O.S.B.), *D. Sancho I, peregrino e devoto de Santa Senhorinha de Basto*, «Revista da Faculdade de Letras/História», II Série, Vol. XIII, Porto, 1996, 67. Relativamente a tradições populares, o Doutor Geraldo Coelho DIAS evoca, neste seu valioso artigo (pág. 66), uma curiosa lenda, ligando Santa Senhorinha e S. Gervásio ao «poder mágico da água da ponte da Misarela», sobre o rio Rabagão, que os dois santos teriam atravessado para irem a Compostela e ao mosteiro de Celanova, na Galiza, ao encontro do primo, S. Rosendo. Segundo nos é transmitido de tal tradição, «quando para uma mulher o período de gestação foi atribulado ou já houve caso de nado-morto», deve-se «fazer o baptismo, extra-sacramental, por um padrinho ali surpreendido, de noite e ao acaso», e este, «deitando água do rio sobre o ventre materno, deverá dizer a seguinte fórmula: Eu te baptizo, criatura de Deus, / pelo poder do Senhor e de Santa Maria. / Se fores rapaz, serás Gervaz; se fores menina, serás Senhorinha».

² Quanto à onomástica, na Região de Basto, mesmo hoje, e mesmo entre gente nova, há significativo número de Senhorinhas e de Gervásios, nomes de baptismo frequentíssimos nos séculos XVII e XVIII, postos em honra destes dois santos, alegadamente irmãos ou consanguíneos, tumulados e venerados, juntamente com Santa Godinha, mãe espiritual e mestra de Senhorinha, na antiga paróquia de S. Jorge de Basto, que passou à actual designação desde pelo menos o século XII. Ao lado de S. António, S. Bento, S. Sebastião, S. Gonçalo, Santa Bárbara e outros nomes do hagiológico cristão mais venerados no norte do país, transparece ainda, em Basto, a invocação do terno nome de Senhorinha, como o atestará o facto de algumas capelas particulares estarem dotadas da sua imagem. Quanto à religiosidade popular, extinguiu-se completamente a prática de uma «crendice», registada pelo autor de *O Minho Pitoresco*, nos anos oitenta de oitocentos, e cujo teor foi reproduzido no *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular*, de Américo Costa (Vol. III, s/l., 1932, 381b). Sendo Santa Senhorinha invocada na cura das maleitas, iam padecentes desse mal rezar junto do seu sepulcro, localizado no interior da igreja, na primeira capela da parte do evangelho. Depois da reza diante do túmulo da Santa (levantado do solo, a meia altura, e envolto por belo sarcófago, embutido na parede da capela, da parte do evangelho), esses fiéis

todavia, com alguma vivacidade, o culto a Senhorinha, patente nas promessas, ex-votos e asseio que sempre rodeiam o seu túmulo, albergado em modesto mas prestigioso templo paroquial, outrora conhecido como matriz, ou até, segundo Pinho Leal, como sé de Basto³, e no qual se continuam a perpetuar a memória da morada terrena escolhida por esta monja, sua vida e virtudes⁴.

Sabendo-se que o culto eclesiástico se iniciou em 1130, por autoridade do arcebispo D. Paio Mendes, num tempo em que os prelados canonizavam nas suas dioceses⁵, que a introdução da festa em calendários litúrgicos portugueses data do século XIII⁶, e que a veneração a Santa Senhorinha arrastou junto do seu túmulo – incontestavelmente – grande cópia de peregrinações e romeiros, durante a Idade Média⁷, gostaríamos de focalizar a nossa atenção na época

deitavam-se sobre o pavimento e introduziam-se no espaço por debaixo do dito túmulo, para, com um raminho, uma pena ou qualquer outro instrumento adequado nele esgravatarem, tentando obter, de entre as suas fendas e interstícios, um pouco de terra. Tendo-o conseguido, e já restituídos a casa, os doentes preparavam uma infusão de determinadas ervas, e com ela ingeriam o pulverento remédio. Jorge Cardoso, referindo-se ao seu tempo, diz que também as mulheres estéreis buscavam remédio por tal via, e dada a «grande frequência de romeiros que de muitas partes deste reino e fora delle» continuavam a demandar o túmulo, com aquela prática, considera um verdadeiro prodígio a terra nunca ter faltado (*Agiologio Lusitano*, t. II, Lisboa, Of. de Henrique Valente de Oliveira, 1657, 671). Continua patente uma grade de ferro, de abrir e fechar, situada entre o solo e o túmulo, utilizada para as tentativas de extracção da desejada relíquia.

³ Augusto S. A. B. Pinho LEAL é taxativo na informação transmitida, pois escreve: «Chama-se vulgarmente a esta igreja a Sé de Basto» – *Portugal Antigo e Moderno*, Vol. I, Lisboa, 1973, 347a.

⁴ Sobre esta matéria, referente a Santa Senhorinha e seu culto, deve ler-se integralmente o trabalho que, no Ano Santo de 1950, por ocasião da festa de Santa Godinha, lhe consagrou D. António de Castro Xavier Monteiro, na revista «Cenáculo», dos alunos do Seminário Conciliar de Braga (Ano 5, fasc. 3, 144-250). Esse belíssimo estudo do prelado lamecense – *Santa Senhorinha de Basto* – foi depois republicado na passagem do milénário da morte da monja, Cabeceiras de Basto, 1982, em edição da Comissão Fabriqueira de Basto (Santa Senhorinha), pela qual citaremos doravante.

⁵ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, t. II, 681. Neste trabalho utilizamos sempre a edição facsimilada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, organizada por Maria de Lurdes Correia FERNANDES, e dotada de importante *estudo* e beneméritos *índices* (t. V), da responsabilidade da mesma investigadora.

⁶ António de Castro Xavier MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, Cabeceiras de Basto, 1982, 38.

⁷ Mário MARTINS, *Peregrinações e livros de milagres da nossa Idade Média*, Coimbra, 1954, 41-46. Depois da visita do arcebispo D. Paio a Basto, da qual resultou a canonização de Senhorinha, e com ela a nova designação da velha paróquia de S. Jorge, na voz do povo e nos documentos, o túmulo da Santa, na igreja do mesmo nome, passou a ser alvo de peregrinações, de gente de dentro e de fora do país. Todos conhecemos, das cantigas de romaria, o nome de santuários como Santa Maria das Leiras, Santa Marta, Santa Maria de Leça, Santa Maria do Lago, Santa Cecília do Soveral, Santa Maria de Faro, S. Simão, S. Servando, S. Salvador de Valongo, S. Mamede... Pois a seu lado impôs-se Santa Senhorinha de Basto como lugar de eleição, onde se ia cumprir promessas e «queymar candeas». Como se percebe da leitura do «Livro de milagres» da Santa, infra referido,

moderna, para tentar perceber impulsos de continuidade ou descontinuidade nesse culto, até porque – um pouco surpreendentemente – a festa de Santa Senhorinha só foi introduzida no *Breviário Bracarense* de D. Rodrigo de Moura Teles, no ano de 1724⁸.

Propomo-nos trazer hoje à colação um outro vector de abordagem, porventura indiciador útil e fornecedor de elementos exemplificativos da atenção moderna consagrada a Senhorinha, no quadro do hagiológico nacional, e consistindo na exploração da «memória» literariamente construída da Santa.

Descontados conhecidos e incontornáveis textos de hagiógrafos consagrados, que teremos ocasião de evocar, está praticamente por fazer o levantamento deste tipo de testemunhos. Também nós nos limitamos aqui à indicação de uma pista de investigação, já que não logramos organizar, para já, certamente mais por falta de prospecção do que por raridade dos textos, um *corpus* literário digno desse nome.

Efectivamente, por agora, optamos por centrar a nossa atenção, num exemplo de composição literária muito significativo de interesse por Senhorinha, sua vida e milagres, arrancado a um dos nossos cancioneiros barrocos, a *Fénix Renascida*, e a um dos seus mais consagrados autores, Frei Jerónimo Baía. Referimo-nos à *Loa* que este poeta escreveu *Em louvor de Santa Senhorinha Portuguesa*⁹.

2. Autor de «*Varios Romances e Decimas*, a diferentes assuntos», também a *Loa* consta, como diz Diogo Barbosa Machado, «de um Romance muito largo»¹⁰. Está escrito em castelhano, mas da parte de Frei Jerónimo Baía, prestigioso pregador de D. Afonso VI, – ou até mais provavelmente do organizador da *Fénix Renascida* – quis-se frizar o carácter português desta santa, apesar de muito anterior à nacionalidade.

Professo em Tibães (1643), o monge-poeta, chamado outrossim ao desempenho das funções de cronista de S. Bento, invocava uma glória nacional

através das veigas e serranias de Basto, de perto e de longe, até ali, àquele bucólico vale, adormecido à voz rumorejante do rio e ao halo da sublime e severa santidade da nobre monja, vinham com o seu fardo de sofrimentos e a brisa da esperança, nobres e plebeus, que a fé cobria de pó e de suor. Atráfos a fama taumatúrgica de Senhorinha.

⁸ António de Castro Xavier MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, 47.

⁹ *Fénix Renascida*, Tomo IV, publicado por Matias Pereira da Silva, Lisboa Ocidental, Of. de Matias Pereira da Silva e João Antunes Pedroso, 1721, pp. 86-95. Transcrevemos integralmente a *Loa*, em *Apêndice* (II).

¹⁰ *Bibliotheca Lusitana*, Tomo II, Lisboa, Of. de Inácio Rodrigues, 1747, 530 e 531.

e da congregação¹¹, mesmo se usava o castelhano, ele que, de resto, em verso celebrou também êxitos das armas portuguesas na Guerra da Restauração. O reivindicado carácter nacional desta santa parece acompanhar as tendências gerais do sentimento religioso e do afã hagiográfico em Portugal, à época¹², com notório investimento, por parte da coroa, no favorecimento do culto e festas aos santos mais fácil e popularmente reconhecíveis como tutelares e protectores do Reino¹³, e na nacionalização daqueles outros que, como Santa Senhorinha, aparentemente se prestavam menos a tal emblematização. Uma tendência nacionalizante que vinha, afinal, de trás, como vemos com um curioso exemplo, dado pelo próprio Duque de Bragança, futuro D. João IV, escrevendo em 30 de Abril de 1625, de Vila Viçosa, ao Padre Jorge Ribeiro, então abade da Freguesia de Santa Senhorinha de Basto, ao pedir-lhe informações sobre as comemorações e festas a Santa Senhorinha, S. Gervásio e Santa Godinha, levadas a efeito naquela igreja, onde se veneravam os seus túmulos, porque também desejava «festejar a estes sanctos portugueses» na sua capela¹⁴.

Apresentando-se sob as vestes literárias de rato pobre, «Como aquel que Horacio pinta» (alusão à fábula do rato do campo e do rato da cidade, da sátira do *Venusino*), Frei Jerónimo Baía pede ao seu público benevolência – «Sus mercedes mucho callen / Sus mercedes nada dígan, / Pues mas urbana mi Musa / Se lo pide en cortesia» – para a breve *Loa* que se propõe recitar: «Oid del Raton un rato / la Loa mas exquisita; / Es cosa del otro mundo / Que al fin es de le Bahia»...

Falta-nos o conhecimento das circunstâncias e contexto exacto a que obedeceu a composição do poema, mas, da sua leitura, extrai-se, indubitavelmente, que ele foi concebido para umas luzidas festas realizadas em Basto, em honra de uns «hóspedes sublimes», de «grande fidalguia», muito provavelmente de passagem pelo Mosteiro de S. Miguel de Refojos, e testemunhadas por gente daquela Terra. Dessa «sua gente» o poeta – porventura

¹¹ Embora glória consolidada por equívoco histórico. Com base nas deduções de José MATTOSO (*Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, I.N.C.M., Lisboa, 1982, 11-53), cremos poder ter Senhorinha como presidindo a uma comunidade de *sorores, devotae* ou *ancillae Christi*, vivendo vida consagrada sob *tuitio* de uma comunidade monástica masculina rodesindiana, em cuja rede de mosteiros estaria federada. De qualquer modo, impõe-se a advertência de Geraldo J. A. Coelho DIAS, *art. cit.*, 65, lembrando que Santa Senhorinha é «anterior à introdução da vida beneditina na nossa região, patrocinada pelas determinações do Concílio de Coyança em 1050, favorecida por Afonso VI de Leão», pelo que se apresenta como «puro anacronismo vesti-la e à tia [Godinha] de abadessas beneditinas».

¹² Maria de Lurdes Correia FERNANDES, «*Da santidade individual à santidade colectiva*», in *História Religiosa de Portugal* (dirigida por Carlos Moreira AZEVEDO), Vol. II, Lisboa, 2000, 37-38.

¹³ Joaquim Veríssimo SERRÃO, *História de Portugal*, Vol. V, Lisboa, 1980, 158-159.

¹⁴ Carta transcrita por Leonídio de ABREU, em *Silva Minhota*, Braga, 1956, 79-80.

pensando nos seus irmãos de hábito, residentes e bem alatinados em Refojos – diz que pudera ser de Roma, mais «que de Basto patricia».

Segundo percebemos, nessas festas, levadas porventura a efeito em um dia 22 de Abril, comemoração litúrgica de Santa Senhorinha, Jerónimo Baía diz ter «consagrado» à Santa (como organizador das festas ou como autor?) uma comédia, intitulada *Solo el piedoso es mi hijo*. Com base na letra das alusões feitas, parece entrever-se, entre «gente estraña y propia», entre «galanes» «y Damas», alguém jovem, de «varonil gala» e destro cavaleiro «a la gineta» e «a la brida», mas não parece fácil a identificação desse referido e decantado «maestro de dos Sillas»...

Nesta *Loa*, interessante e representativa pela matéria tratada e pelo relevo literário do autor, impressiona, desde logo, o carácter leve, jocoso (em certos momentos burlesco mesmo) dos seus versos, adequado às circunstâncias festivas já referidas. Devoto da Santa («Raton muy su lacayo»), o autor vem louvá-la, mas a nobreza da matéria não o impede de desejar levar o seu público ao riso («Brindando, & no sin razon / Con su gracia a vuestra riza»). De resto, e em síntese, estamos perante poesia de encarecimentos, e as imprevistas agudezas, subtilezas de linguagem, jogos de construção e de sentido aqui patentes, integram-se – como é evidente – na conhecida panóplia de formalismos cultistas e conceptistas do barroco.

Anunciada a empresa a que mete ombros e fornecida a chave de descodificação da ficção literária, uma vez feita a *captatio* do público, o autor começa por deter-se na tópica hiperbolização da beleza física do «retrato» de Senhorinha¹⁵, parecendo «La mas linda entre las Santas, / La mas Santa entre las lindas». Findo, com tradicional e oportuno *Laus Deo*, o debuxo dessa sobrenatural, idealizada e convencional formosura, o poeta passa então a evocar os principais pontos da vida e milagres de Senhorinha, remetendo-se a uma tradição hagiográfica já muito consolidada e divulgada.

É suposto que o público destinatário da *Loa* fosse maioritariamente

¹⁵ De criança conhecemos a imagem desta Santa, no seu templo de Basto e numa pequena imagem de vestir, de anacrónicos folhos negros e alvas rendas, que existia na capela da destruída Casa de Quintela, em S. Clemente de Basto. Ontem como hoje, dir-se-á que a mortalha do hábito não permite que alguém se lembre do carácter humano da alegada e – certamente frágil – beleza daquela Bem-aventurada, pelas suas *vidas* apresentada sob duríssimo regime ascético, com relevo para o «martírio» de sanguinolentos açoites e punhadas, auto-infligidas. A iconografia conhecida, apresentando-a como austera abadessa beneditina, de olhar no Alto, báculo na mão, escassamente se lhe vendo o rosto alvo, aparentemente não favorecia a difusão da ideia da beleza de Senhorinha. Alimentava-se ela, todavia, da tradição biográfica que fazia esta virgem, além de ilustre por geração, «dotada de todas as boas partes naturais» que levaram a afeiçoar-se-lhe e a pedi-la em casamento «hum cavaleyro muy principal & muy rico, o qual dizem que era Conde muy chegado à casa Real» – Frei Leão de S. TOMÁS (O.S.B.), *Benedictina Lusitana*, tomo II, Coimbra, Of. de Manuel de Carvalho, 1651, 171 (usamos a ed. fac-similada da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1974, com notas críticas de José MATTOSO).

conhecedor do maravilhoso desses factos e circunstâncias, sumariamente referidos, pois os próprios sermões de festa e até probabilíssimos folhetos de cordel se teriam encarregado de lhes publicitar o eco... O autor refere o nobre berço de Senhorinha¹⁶, as goradas pretensões à sua mão por parte de um «Conde de Real Sangue», a profissão beneditina da donzela «junto al Ave ilustre Rio»¹⁷, a duríssima vida religiosa – «perpetua en la disciplina» – aí levada, a passagem do Rio Ave ao Rio Basto (de S. João de Vieira a S. Jorge de Basto), e os mais importantes milagres então realizados: a súbita aparição de grande quantidade de farinha no mosteiro da Santa, como resposta às preces por si feitas, em momento de grande penúria de pão; o obediente silêncio imposto pela religiosa a umas ruidosas rãs, e a transformação, em certa ocasião («mil vezes», amplifica o poema), de água da fonte de Basto em vinho. Finalmente, referindo-se aos tempos posteriores à morte da monja, o poeta ainda lembra a cura de um cego de nascença que viera a Basto visitar o seu «sepulcro» (em

¹⁶ Como se extrai da leitura das biografias medievais em latim, *infra* referidas, Senhorinha nasceu em 924 da era cristã, e faleceu em 22 de Abril de 982, com 58 anos de idade, sendo seu pai, da Casa de Sousa, «Conde e Senhor do território de Vieira e Basto» na diocese bracarense. Sobre os ascendentes de Santa Senhorinha, cf. António de Castro Xavier MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, 9-13, advertindo todavia para a insegurança documental nesta matéria. Nos seus manuscritos, publicados em folhetim num diário católico do Porto, D. José de Moura Coutinho, ex-cónego de S. João Evangelista, bispo de Lamego, genealogista geralmente estimado, reportando-se à «origem dos Sousas, antigos Senhores de Basto», aponta a seguinte progénie a Santa Senhorinha: 1. Siubulo, «filho de el-rei Ejica, dos godos, que reinou em Hespanha até o anno de 702 da era christã», o qual recebeu «de seu pai o governo da cidade de Coimbra, de que se chamou conde»; casou com Aldonça e teve dela 2. Atarico, Conde de Coimbra, que ficou «debaixo do domínio dos mouros e alli viveu com sua mulher Phio, de quem teve D. Thiodo». 3. D. Thiodo, «governador dos cristãos», teve pelo menos três filhos: Teodorico, Hermenegildo (pai de D. Agatão, este bisavô de S. Rosendo) e 4. Ataulfo, pai de D. Soeiro Belfaguer, 1.º Senhor da Casa de Sousa e bisavô de Santa Senhorinha, o qual «parece que se ausentou para Galliza e Asturias», para ajudar os outros cristãos «contra os sarracenos». Teve filho a D. Soeiro Velfaia, «o primeiro em quem o conde D. Pedro falla nos d'esta familia. 5. D. Soeiro Velfaia viveu na terra de Souza em tempo dos reis D. Affonso, o Casto, e D. Ramiro 1.º, que foi pelo anno de 800. Dizem que foi o que deu nome ao lugar de Aripiana de Sousa, chamando-se ao principio Suarifaina. Casou com D. Mínia Ribeiro. Teve filho a 6. Upo Soares Velfaia, rico-homem que «viveu pelo tempo de D. Affonso Magno, de Leão, e o acompanhou nas grandes guerras que teve com os mouros». Casou com D. Omendola. Teve filho a 7. Avulfo, também designado Hufo Hufes (ou Ahufo Ahufez). Teve de sua mulher D. Teresa, D. Gonçoi, S. Gervaz e S. Senhorinha, santos estes tumulados em Basto, na igreja de invocação da última. Ainda segundo o bispo de Lamego, D. Gonçoi teve de sua mulher, D. Mónica, a D. Echiguiçoi, que casou com D. Aragunte Soares de Novelas. Sucedeu na casa de D. Echiguiçoi seu filho D. Gomes Echiguis «que estava sendo senhor de Basto no anno de 1045, como consta de um documento do mosteiro de Arnoia sobre a igreja de Britello» – cf. *A Palavra*, Ano X, n.os 2764 e 2765, de 28 e 29/10/1881, *Descrição dos Concelhos de Celorico de Basto e Cabeceiras de Basto*, 1.

¹⁷ Conforme acentuou José MATTOSO, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, ed. cit., 375, a mais antiga versão em latim de que dispomos da biografia de Santa Senhorinha, *infra* referida, «mais do que um documento sobre a sua vida, deve ser empregada para estudar a espiritualidade e os costumes das monjas beneditinas no fim do século XII ou princípios do seguinte».

alusão a um prodígio aí testemunhado pelo Arcebispo D. Paio Mendes), mas, declarando deixar a «lista» de milagres que ia seguindo, opta por evocar, genericamente, «um mudo», «um surdo», «coxos», «mancos», «hidrópicos», bem como os poderes miraculosos da «terra» de Senhorinha, assim aludindo à crença popular no largo espectro de propriedades curativas da pulvurenta relíquia que, em seiscentos, com ansiosa habilidade, numerosos devotos insistiam em tentar fazer desprender, pelos seus interstícios, do interior do túmulo da santa...

3. Na realidade, a «lista» dos milagres era suficientemente conhecida. E não só a *lenda* da santa estava há séculos cristalizada, como até «formatada» por um tipo de divulgação anterior a Jerónimo Baía¹⁸, de que são exemplo o *Flos Sanctorum* de Frei Diogo do Rosário (O.P.)¹⁹, o *Jardim de Portugal*²⁰, de Frei Luís dos Anjos (E.S.A.), a Segunda e Quarta Partes da *Monarchia Lusitana*²¹, respectivamente de Frei Bernardo de Brito e Frei António Brandão, as crónicas beneditinas de Frei António de Yepes²² e de Frei Leão de São Tomás²³, a *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, de D. Rodrigo da Cunha²⁴, e o

¹⁸ Embora não se conheça a data de composição da *Loa*, ela é necessariamente posterior à tomada de hábito do seu autor, em 1643, e certamente já próxima ou posterior ao início dos anos sessenta, momento a partir do qual parece assistir-se à consagração pública de Jerónimo Baía. Recordemos que D. Afonso VI, de quem foi nomeado pregador, subiu ao poder em 1662, e que as primeiras impressões conhecidas de textos de Baía datam de 1661 (*Sermão de Santa Comba, Virgem e Mártir*, Coimbra, Manuel Carvalho) e 1663 (*Canção heróica a D. Afonso VI, na singular vitoria na memorável batalha do Canal*, Lisboa, Henrique Valente de Oliveira).

¹⁹ Cf. Vol. IV, Lisboa, 1870, 217. Publicado a primeira vez com o título *Historia das vidas e feitos heroicos e obras insignes dos santos*, 2 tomos, Braga, António Mariz, 1567, a que se seguiram, três edições ainda em quinhentos, duas na primeira metade de seiscentos, e várias posteriores, nos séculos XVIII e XIX, com adição de vidas de novos santos.

²⁰ Esta obra, impressa em Coimbra, «Em casa de Nicolau Carvalho, Impressor del Rey», no ano de 1626, foi recentemente editada por Maria de Lurdes Correia FERNANDES, acompanhada das correspondentes introdução e notas, de sua autoria. Nesta edição, cf. 119-121.

²¹ Como é sabido, a Segunda Parte saiu em 1609, em Lisboa, dos prelos de Pedro Craesbeeck, e foi reimpressa na oficina Craesbeeckiana em 1690. A Terceira e Quarta Partes, de Frei António Brandão, saíram em Lisboa, por Pedro Craesbeeck., 1632. Foram reeditadas em Lisboa, respectivamente na Impressão Craesbeeckiana, 1690, e na Of. Ferreiriana, 1725 (com aditamentos do Padre José Pereira Baião). Cf. *Segunda Parte da Monarchia Lusitana*, 507-509, e *Quarta Parte da Monarchia Lusitana*, 93-96, nas segundas edições referidas.

²² *Coronica General de la Orden de San Benito*, tomo V, Valladolid, Francisco Fernandez de Cordova, 1615, fls. 157-160.

²³ *Benedictina Lusitana*, tomo II, 172-181.

²⁴ *Primeira Parte da Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, e dos Santos e Varoens illustres que florecerão neste Arcebispado*, Braga, Manuel Cardoso, 1634, 453-461 (existe ed. fac-

Agiológio Lusitano de Jorge Cardoso.

Efectivamente, conforme se reconhece no *Agiológio*, estes e outros autores, e o próprio Cardoso, «*todos se aproveitarão da Lenda ms. que se conserva[va] em sua Igreja [Santa Senhorinha de Basto], composta por F[rei]. Vasco Martinz, de mandado de João Vascos, Reitor da mesma, a qual começa[va]: Gaudens et laeta loca paradisi; e acaba[va]: fuit consumata 7. Kal. Maij E. 1441[ou seja A.D.1403]*»²⁵. Todavia, tirando estas curtas indicações de *incipit* e *cólofon*, nada mais temos hoje do referido texto, desaparecido.

São pelo menos mais duas as biografias medievais – em latim – de Santa Senhorinha. Foram por Alexandre Herculano insertas no volume *Scriptores, dos Portugaliae Monumenta Historica*. Dedicaram-lhes cuidada atenção, no recém-transacto século, António de Castro Xavier Monteiro²⁶, José Mattoso²⁷, José Geraldes Freire²⁸ e Maria Helena da Rocha Pereira²⁹, investigadora que reeditou as duas³⁰. Por clareza e comodidade, continuaremos a referi-las com as siglas que lhes apôs o prelado lamecense.

A primeira narração – A – (*Vita Beatae Senorinae Virginis*) é a transcrição dum manuscrito copiado no século XVI ou começos do século seguinte, proveniente do Colégio da Graça, de Coimbra, dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, por sua vez dependente de um outro que estava na Igreja de Santa Senhorinha de Basto, pois se lê que fora «desumpta ex antiquissimo exemplari quod in ipsa Ecclesia Bastensi observatur». Conforme já foi notado, este «antiquíssimo exemplar» dataria do século XII, pois o seu autor, certamente um monge do vizinho convento beneditino de Refojos, ouvira

similada das duas partes, Braga, 1989, com notas de apresentação de José MARQUES, Prof. da Universidade do Porto).

²⁵ Sinal certamente de a composição desta *vida* reflectir ou se integrar na promoção de um novo alento devocional, congraçando a figura dos três santos, tumulados em Basto, não passou despercebido a D. António de Castro Xavier Monteiro (*art. cit.*, 40-42) o facto de esta data ser a mesma de uma nova exumação do corpo de S. Gervásio, assinalada, como se pode ver, nas tábuas do seu túmulo, hoje fronteiro ao de Santa Senhorinha e Santa Godinha, na formosa capela em 1634 construída de novo, «dos alicerces», naquela igreja paroquial, pelo seu nobre e abastado freguês Francisco Ribeiro do Canto.

²⁶ *Santa Senhorinha de Basto*, *art. cit.*, 5-8.

²⁷ *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, 364-393.

²⁸ *Problemas literários das «Vitae Sanctae Senorinae»*, in *Actas do Colóquio «A mulher na Sociedade Portuguesa»*, II Volume, Coimbra, 1986, 35-38.

²⁹ *As biografias medievais de Santa Senhorinha*, in *Actas do 1.º Ciclo de Conferências*, 1992, «S. Rosendo e o Séc. X», ed. da Câmara Municipal de Santo Tirso, 1994, 127-137.

³⁰ Em *Apêndice à Vida e Milagres de São Rosendo*, texto latino com trad., prefácio e notas de sua autoria, Porto, 1970, 111-157. Por comodidade, faremos uso desta edição das duas *vidas* de Santa Senhorinha.

peçoas que viviam quando se deslocou a Basto o arcebispo D. Paio Mendes, falecido em 1138³¹.

O escritor anónimo da *vida* declara ter estado pessoalmente em Basto, onde falou com as testemunhas dalguns factos, recolhendo o relato dos milagres mais recentes de um clérigo chamado Paio, prior da igreja de Santa Senhorinha, que ali vivia, atendendo e escutando os peregrinos que então demandavam o túmulo da monja, rezando, trazendo ofertas, cumprindo promessas e relatando graças e prodígios sobrenaturais, atribuídos à intercessão e poder daquele orago. Assim nos é possível uma reconstituição parcial, ingénua e viva, das práticas e comportamentos religiosos dos romeiros de Santa Senhorinha, já que, como lembra Mário Martins, «os hagiógrafos só registavam uma pequena parte do que andava de boca em boca ou do que ficava consignado nos Livros de Milagres»³².

Além da tradição oral de quase dois séculos, José Galdes Freire parece crer – com palpável fundamento – na possibilidade de em Refojos se ter vindo a fazer a reunião de algum espólio hagiográfico relativo a Senhorinha.

Ao Prof. J. Galdes Freire esta parece um texto para ser lido, para interpelação de ouvintes e leitores, enquanto o Padre Mário Martins, a nosso modesto juízo com mais certa precisão, vê nela «o tom» de «um sermão de festa», «desde o prólogo até ao começar dos milagres sucedidos após a morte» da Santa, os quais se acrescentaram «pelo mesmo pregador ou por outro qualquer», e têm assim «a aparência de um apêndice»³³, corroborativo da santidade e força taumatúrgica de Senhorinha.

Mais curto e cronologicamente posterior, o texto da segunda *vida* – B – (*Alia Sanctae Senorinae Vita ex Actis Sanctorum*)³⁴, depende do texto da anterior, e «tem a sua origem num manuscrito que existia em Santa Cruz de Coimbra e de que Manuel Faria e Sousa forneceu cópia ao primeiro editor, Tamaio Salazar (1652)»³⁵. Daqui passou para os *Acta Sanctorum*, dos Bolandistas, de onde o foi extrair Herculano³⁶.

³¹ António de Castro Xavier MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, 5-6; José Galdes FREIRE, *Problemas literários das «Vitae Sanctae Senorinae»*, 36; Maria Helena da Rocha Pereira, *As biografias medievais de Santa Senhorinha*, 127.

³² *Peregrinações e livros de milagres da nossa Idade Média*, art. cit. 40 e 45.

³³ *Peregrinações e livros de milagres da nossa Idade Média*, art. cit., 45.

³⁴ *Vida e Milagres de São Rosendo*, texto latino com trad., prefácio e notas de Maria Helena da Rocha PEREIRA, Porto, 1970, *Apêndice*, 149-157.

³⁵ José Galdes FREIRE, art. cit., 36. Como é notório, refere-se o citado autor ao tomo II do *Martyrologium Hispanum* de Juan TAMAYO DE SALAZAR, Lyon, 1652.

³⁶ António de Castro Xavier MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, 6.

No entender de José Galdes Freire a redacção actual deverá ter sido retocada ou sofrido mesmo uma reescrita no fim do século XVI ou principio do século XVII, a ajuizar por certos termos gregos latinizados e pelo desenho culto do fraseado³⁷, «coloração humanística» esta já enfatizada a propósito da primeira narração³⁸.

Entre os elementos novos desta segunda *vida*, já objecto de análise comparativa, comentário e inteligentes anotações críticas³⁹, cumpre lembrar a letra do epitáfio mandado colocar no sepulcro de Senhorinha pelo arcebispo D. Paio Mendes, transcrito por Jorge Cardoso, bem como a referência ao milagre da cura do futuro rei D. Afonso II, a instâncias do seu pai, D. Sancho I, deslocado «causa orationis» a Basto, ao lugar onde repousava o corpo da Santa, e aí fazendo em sua honra uma novena⁴⁰.

Esta última alusão permite estabelecer o *terminus post quem* desta *vida*, pois se refere a um facto com confirmação histórica numa escritura de D. Sancho I, de 29 de Maio de 1200. Segundo se lê nessa escritura, em eminente perigo de morte do príncipe seu filho, D. Sancho pediu, junto do túmulo de Senhorinha, «gemitibus et suspiris», a intercessão da Santa, e obtida com ela a saúde do filho, em cumprimento de promessa feita, em pessoa e a pé, andou coutando e demarcando terrenos que circuitavam o templo onde tinha vindo orar⁴¹.

³⁷ *Problemas literários das «Vitae Sanctae Seniorinae»*, art. cit., 36.

³⁸ Maria Helena da Rocha PEREIRA, *As biografias medievais de Santa Senhorinha*, art. cit., 128.

³⁹ Por parte de António de Castro Xavier Monteiro, José Galdes Freire e Maria Helena da Rocha Pereira nos arts. citados.

⁴⁰ Muito respeitosamente, cumpre-nos corrigir o que se nos afigura um lapso, por parte de dois distintos investigadores supracitados. Ao contrário do que afirma a Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira (art. cit., 127), que saibamos, nenhuma fonte permite afirmar que D. Sancho (contra todas as conveniências de saúde) trouxesse consigo a Basto o príncipe herdeiro D. Afonso II. Basta ler atentamente o que escreve Frei Leão de S. Tomás na *Benedictina Lusitana*, t. II, 180a, para concluir o contrário. Efectivamente, «durando ainda a novena» de D. Sancho I, só assim se diria que foram trazidas a Basto «novas» que seu filho estava já «muy melhorado e sem perigo de morte»... Por seu turno, o Prof. Doutor Geraldo J. A. Coelho Dias (art. cit., 64) engana-se no cômputo cronológico, e atribui ao príncipe D. Afonso (nascido em 1185) cinco anos de idade, quando, à data desta deslocação do seu pai a Basto, teria quinze ou perto disso.

⁴¹ A escritura «original» do cartório da Sé de Braga, referida e em parte transcrita por Frei António Brandão na *Quarta Parte da Monarchia Lusitana*, (Lisboa, Of. Ferreiriana, 1725, 94-95), já não foi encontrada pelos investigadores contemporâneos supracitados. Fomos todavia consultá-la na transcrição de um magnífico cartulário do Cabido da Sé de Braga, do século XVII, intitulado *Rerum Memorabilium Ecclesiae Bracarensis – tomus primus*. Efectivamente, à fl. 108 (doc. 72), lemos o seguinte título: *Escrituras das quaes consta como ElRei D. Sancho o primeiro fez couto o circuito da Igreja de Santa Senhorinha de Basto, por rezão de hum milagre que fizera no Principe dom Afonso seu filho e deu o padroado della aos descendentes do Abbade que então era, tresladarãose*

Outra *vida*, desta feita escrita «em hum português antigo», é referida por Frei Leão de S. Tomás, o qual afirmou ser seu autor «hum Monge nosso Conventual» do Mosteiro de S. Miguel de Refojos de Basto⁴². Este mesmo texto teve certamente entre mãos Frei António de Yepes, que cita a «Legenda» de Santa Senhorinha «escrita em português»⁴³, e Frei Luís dos Anjos, que nos diz ter abreviado o relato dos milagres da Santa, servindo-se da sua «história escrita largamente em o mosteiro de Basto»⁴⁴. Ou seja, neste complexo processo de transmissão vem inserir-se uma quarta versão – esta em português medieval –, à qual precisamente se referem, como sua fonte de informação, os três referidos autores seiscentistas⁴⁵.

Passou despercebido a D. António de Castro Xavier Monteiro, ao Padre Mário Martins e aos investigadores em geral que esta biografia existe integralmente preservada, não em manuscrito, mas inserida pelo Padre Torquato Peixoto de Azevedo nas suas interessantíssimas *Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães em 1692*, dadas à estampa no Porto, no já distante ano de 1845⁴⁶.

À página 444 desta obra lemos a notícia: «Na igreja da Santa se achou o livro antigo de sua vida, e milagres, o qual diz assim»; e até à página 476 segue-se a correspondente transcrição, feita com uma fidelidade que o Padre Torquato Peixoto de Azevedo quis sublinhar, escrevendo: «isto é o que continha aquelle antigo papel dos milagres de Santa Senhorinha, que foi tresladado na mesma fraze antiga».

Foi José Geraldês Freire o primeiro investigador a chamar a atenção para esta vida e a dar dela conhecimento a Maria Helena da Rocha Pereira. Em todo o caso, nenhum dos dois terá atendido a um informe de Francisco Xavier da Serra Craesbeeck que nos permite conhecer as vicissitudes deste texto. Efectivamente, falando da Freguesia de Santa Senhorinha, lemos em Craesbeeck:

«Não há aqui mais de que possamos fazer menção, salvo de que nesta igreja andava hum livro desencadernado, muito antigo, en que andavão escritos os milagres desta sancta, en língua antiga, e passando por ali hum Dezebargador do Porto (que devia ser o Dezebargador Christovão Alam de

aqui neste livro por rezão deste milagre. O documento em apreço é o primeiro aqui transcrito. Sempre em belíssima letra, seguem-se (fls 108 e 109) mais três diplomas, relativos ao padroado da igreja de Santa Senhorinha, registados em pública-forma, em Braga, em Dezembro de 1278, por João Fortes, tabelião público.

⁴² *Benedictina Lusitana*, tomo II, 176a-b.

⁴³ *Coronica General de la Orden de San Benito*, tomo V, ed. cit., fl. 157.

⁴⁴ *Jardim de Portugal*, ed. cit., 121.

⁴⁵ Maria Helena da Rocha PEREIRA, *As biografias medievais de Santa Senhorinha*, art. cit., 128.

⁴⁶ Typographia da Revista, Rua dos Ferradores n.º 31. O inédito é precedido de duas páginas justificativas da iniciativa, por parte do «Editor».

Moraes) o levou, dizendo que o mandaria encadernar e o remeteria para a dita igreja; mas não tornou. Estes cadernos tresladou o Padre Torcato Peixoto de Azevedo, no seu livro, que está nesta villa de Guimarães, em poder do dito Vigario Geral della, Francisco da Cunha Rebello, o qual he da Caza de Lamellas, Antonio Peixoto dos Guimarães, Fidalgo da Caza de el Rei e Cavaleiro do habito de Christo, que foi seu herdeiro» (sic)⁴⁷.

Do exame comparativo desse texto, felizmente preservado pelo Padre Torcato Peixoto de Azevedo (e, como fica dito, nos seus dias seguido por Leão de S. Tomás e António de Yepes), com as duas vidas latinas insertas no volume *Scriptores*, dos *Portugaliae Monumenta Historica*, concluiu José Geraldês Freire que ele era uma tradução «bastante fiel» da *Vita Beatae Seniorinae Virginis* (versão A).

Idêntica a vida e o elenco dos milagres até à morte da monja, o texto vernáculo estava todavia dotado de elementos próprios, como um prólogo diverso e o acrescentamento de dez novos milagres⁴⁸. Por seu turno, a língua e estilo levaram este investigador a pensar estar-se diante de uma tradução e reelaboração, feita por um monge de Refojos de Basto na primeira metade do século XVI⁴⁹. Fazendo idêntico exame, também Maria Helena da Rocha Pereira vê no texto transmitido pelo Padre Torcato Azevedo uma tradução, mas feita a partir de um arquétipo latino comum, perdido, do qual a própria versão A teria derivado, «juntamente com as outras, e acrescentos posteriores»⁵⁰.

Punha-se assim em causa anterior tomada de posição de D. António de Castro Xavier Monteiro. Segundo o distinto prelado, o «antiquíssimo exemplar» do séc. XII, guardado na igreja de Basto, que dera origem à versão latina A, era um texto em português, o mesmo que haviam referido Frei Leão de S. Tomás e Yepes. E esse texto em vernáculo teria sido também a fonte da versão latina descrita por Jorge Cardoso. Em 1403, por incumbência de João Vasques, reitor de Santa Senhorinha, Frei Vasco Martins teria levado a bom termo nova *redacção* da legenda da Santa, passando para latim a que se conservava naquela igreja, «em linguagem»⁵¹...

Todavia, com razão observava o bispo lamecense a grande margem de coincidência, «mesmo em coisas secundárias e acidentais», dos diferentes

⁴⁷ *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*, Ponte de Lima, 1992, 402.

⁴⁸ Por este facto, achamos relevante a publicação em *Apêndice* do texto dos milagres *post-mortem*.

⁴⁹ *Problemas literários das «Vitae Sanctae Seniorinae»*, art. cit., 37.

⁵⁰ Isto conclui de fina análise comparativa da linguagem das duas versões e da ocorrência de «erros separativos» – *As biografias medievais de Santa Senhorinha*, art. cit., 137.

⁵¹ *Santa Senhorinha de Basto*, 7 e 42.

textos, permitindo-lhe concluir que todas as formas eram derivadas «originariamente da biografia da Santa escrita no século XII, cujo conteúdo chegou até nós substancialmente inalterado».

4. Facultamos em anexo o texto dos milagres atribuídos à santa monja, *post-mortem*. Mesmo depois do que a este propósito adiantamos, não deixa de ser algo surpreendente que as alusões à vida e milagres de Senhorinha feitas na *Loa* de Jerónimo Baía, se fiquem a tão evidente nível de generalidade.

Estando patente, na época de Frei Jerónimo Baía, na Igreja de Santa Senhorinha, em vernáculo, o antigo livro da vida e milagres da Bem-aventurada, natural seria que, num poema em seu louvor, se enumerassem e evocassem, particularmente, os mais glorificantes casos – também póstumos – da sua intervenção taumatúrgica.

Dir-se-á – insistimos – que numa composição de sua natureza normalmente não extensa, não haveria muito lugar a evocar factos mais ou menos de todos conhecidos... É todavia notório que o autor privilegiou o espaço concedido aos milagres em vida da Santa, os mais ingénuos, lendários e em boa parte «imigrados» doutras biografias célebres, em detrimento dos realizados postumamente, mais dotados de anotações concretas e precisas, transmitidos por Paio e por outros clérigos que, em Basto, regiam aquele santuário de peregrinação, relatos estes que, como diz o Padre Mário Martins, pela sua valia documental, informando-nos sobre a extracção social dos peregrinos, seu acolhimento e organização local do culto, já não provocam o mesmo sorriso ao espírito crítico do leitor⁵². Os primeiros, plenos de maravilhoso espectacular, associados à uma exemplaridade de vida, proposta em chave beneditina, seriam os que ofereciam mais interesse a uma exploração literária, sobretudo se leve e jocosa, pretextada por festejos de circunstância, como manifestamente é o caso. Ficou com isso sacrificada a glorificação do poder atractivo daquele santuário e do «moimento» da Santa. A reconstituição das concretas formas de piedade em torno deles, na Idade Média ou em seiscentos, não eram – manifestamente – algo que, naquele contexto, interessasse ao poeta.

Mais surpreendente ainda é que, num poema em louvor de uma Santa cuja nacionalidade «Portuguesa» se reivindica, e de tão nobre e real sangue, se não tenha individuado o milagre que associou directamente a Bem-aventurada monja ao reconhecimento de um monarca de Portugal, nem se tenha enfatizado a devoção que lhe votaram várias testas coroadas posteriores.

De facto, como recordamos, relendo os documentos transcritos no *Rerum Memorabilium Ecclesiae Bracarensis – tomus primus* (fls. 108 e 109), D. Sancho I concedeu carta de couto à Igreja de Santa Senhorinha, e ele

⁵² *Peregrinações e livros de milagres da nossa Idade Média*, 42.

próprio, em pessoa, andou correndo os locais onde se deveriam pôr os marcos, que fez que se levantassem por ordem de D. Gonçalo Mendes, Senhor da Terra. Passado pouco tempo, o seu filho e sucessor, miraculado de Santa Senhorinha, arrogando-se o padroado daquela igreja, confirmava por provisão datada de Guimarães, de 28/2/1220, o direito que a ela tinha o Padre Paio Pires, abade de Santa Senhorinha. Por sua vez, o rei D. Afonso III «confirmou o couto e ampliou os privilégios, como consta das Inquirições de 1258», e o rei D. Pedro, «a 15/IX/1360, estando em Valença do Minho, honrou Santa Senhorinha fazendo à sua igreja, onde D. Inês de Castro erigira uma capela a S. Gervásio, uma doação do padroado que detinha na Igreja de Santa Maria do Salto, no Barroso»⁵³.

Como é evidente, Santa Senhorinha tornou-se abadia de vultuosas rendas, pois o abade apresentava quatro paróquias anexas (Santa Maria do Salto, Painzela, Ourilhe e Pedraído). Depois do diploma de D. Sancho, o julgado de Cabeceiras de Basto passou a ter a sua sede naquela freguesia, sendo no lugar das Pereiras e na casa do Paço que se davam as audiências a todo o concelho. O Couto tinha dois juizes ordinários e mais oficiais de Câmara. Apenas foi extinto no ano de 1620⁵⁴. Não seria natural na *Loa* de Frei Jerónimo Baía uma breve alusão a estas «grandezas» históricas e às prosápias dos Morgados da Taipa, detentores de um nobre e literário paço de «muro e torre» em S. Nicolau de Basto⁵⁵, desde o século XV senhores de Cabeceiras, e tornados também padroeiros daquela Igreja?

Mas como se refeririam, ainda que de passagem, estas circunstâncias, se mesmo a beleza do templo de Santa Senhorinha e as vultuosas obras nele realizadas – em data tão recente – não mereceram a mínima alusão do poeta? À partida não se pode dizer que o assunto não fosse digno de «hóspedes sublimes», de grande fidalguia, festejados à sua passagem por Basto...

Maior parte da igreja remodelada «à moderna», de forma sóbria e harmoniosa, é de sobremaneira notável, como jóia de linhas clássicas, a capela tumular dos três santos: Senhorinha, seu irmão Gervásio e sua tia materna, Godinha, segundo as *legendae* abadessa do Mosteiro de Vieira e educadora da primeira.

⁵³ Geraldo J. A. Coelho DIAS, *D. Sancho I, peregrino e devoto de Santa Senhorinha de Basto*, 65-66. António de Castro Xavier MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, 37, publica o texto desta doação, transcrevendo o original, conservado na Torre do Tombo (*Chancelaria de D. Pedro I*, Livro I, fl 43 v.º).

⁵⁴ António de Castro Xavier MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, 31.

⁵⁵ Referimo-nos evidentemente à casa no tempo de António Pereira Marramaque (cf. Anselmo Braancamp FREIRE, *Povoação de Entre Doiro e Minho no XVI século*, in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. III, Lisboa, 1905, 255). Foi nela o último representante do ramo dos Pereiras. A estes sucederam os Câmaras.

É uma capela azulejada, com abóbada de canhão, caixotões, óculos e medalhões belamente lavrados no granito, e um retábulo do altar ainda tardo maneirista, representando no seu tímpano a última ceia. Ultrapassado o alanceado gradeamento de ferro forjado, também da época, deparamos com dois anjos candelários, parecendo recordar estarmos na antiga capela do Santíssimo. No altar, do lado do Evangelho, a imagem já barroca de S. Gervásio lembra a titularidade da antiga capela, naquele mesmo local mandada edificar pela «linda Inês»⁵⁶... Embutidos nas paredes laterais, frente a frente, lá estão os dois belos sarcófagos: do lado da Epístola o de S. Gervásio, no lado do Evangelho o de Santa Senhorinha e Santa Godinha. No pavimento, entre os túmulos, as armas dos Cantos, indicando a *S(epultura) de Fr(ancisco) Rib(ei)ro do / Canto. E de / seu Pai (e) Mai / (H)erdeiros / Anno. 1637*. O nome daquele nobre e abastado filho da paróquia⁵⁷ volta a aparecer «em roda do arco da ditta capella» lembrando que ele a refizera desde os alicerces, «por sua devoção»⁵⁸.

⁵⁶ No referido documento de doação de D. Pedro I, transcrito por António de Castro Xavier MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, 37, pode ler-se: «E os meus sucesores e os outros que esta minha doaçam guardarem e fizerem conprir aiam a beençom de deus e a minha pera sempre, e os que contra ella forem non na aiam nem lhes seia outorgada, a qual doaçam faço aa dita igreja de santa senhorinha com tal condiçom que qualquer que della for abade tenha huu capellam pera todo sempre que cante em cada huu dia misa de sobre o altar e diga as oras canonicas em huã capella que na dicta igreja fez dona ines de crasto onde jaz o corpo de sam jervas. E outrossy tenha huu moozinho que sirva o dicto capeellam na dicta igreja de todo o que lhe comprir. E tenha pera todo o sempre tres lampadas com azeite que tam bem de dia como de noyte estem acesas. E a huã este ante o crocefixu E a outra ante hu jaz o corpo de sancta senhorinha E a outra na capeella ante o lugar hu jaz o corpo de sam gervas».

⁵⁷ Ao contrário do que tem sido repetido, nomeadamente por D. António de Castro Xavier Monteiro, Francisco Ribeiro do Canto não adquiriu a sua abastança no Brasil. Basta ler Francisco Xavier da Serra CRAESBEECK, *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*, 397: «Nesta freguesia viveo Gaspar Ribeiro, que casou segunda ves com Margarida do Canto (filha de Hieronimo Pires do Canto, que foi para a ilha da Madeira, onde casou com Dominguas Lopes Galvão). Teve desta mulher entre outros filhos a Francisco Ribeiro do Canto, que naceo nesta freguesia e, passando à dita ilha, nella tem muitos cabaes, e se casou com Maria Lopes Galvoa, que devia ser parenta ou irman da primeira molher de seo pai, de quem não teve filhos legitimos (...). De acordo com um assento lançado pelo abade de Santa Senhorinha no correspondente livro de casamentos, a 1 de Novembro de 1613, Gaspar Ribeiro e um seu outro filho, Pedro Ribeiro do Canto, intervêm como testemunhas no casamento celebrado entre Simão Dias Ribeiro, filho de Gonçalo Dias Ribeiro e Ana Marques, e Margarida Francisca, filha de Adão Jorge e Antónia Gonçalves, todos daquela freguesia (Arquivo da Casa de Quintela, Maço de Certidões de Plácido Tavares da Veiga Falcão, Senhor da Casa da Ponte de Petimão, S. Clemente de Basto).

⁵⁸ Francisco Xavier da Serra CRAESBEECK, *op. cit.*, 399-400, transcreve «fielmente» o texto de duas lâminas de cobre, colocadas nos cunhais desta capela, respectivamente da parte da Epístola e da parte do Evangelho, que se perderam, e rezavam: «Governando a Igreja de Deos o muy santo padre o Papa Urbano & etc, ambas as Espanhas El Rey Filippe O grande, 4 de Castella, etc, 3.º de Portugal, & a Santa Igreja de Braga o Illustrissimo & Reverendissimo Senhor Arcebispo Primaz Dom Rodrigo da Cunha, no anno de 1634, edificou Francisco Ribeiro do Canto, natural desta freguesia, por sua devoção, esta Capella, a sua custa, começando-a dos alicerces toda de novo, a fes maior que a antiga, e levantou em

Espantosamente, na *Loa*, nem uma palavra referente ao renovado templo e os túmulos dos santos, agora «levantados em alto»⁵⁹ ...

Com efeito, como dito fica, apenas duas referências no poema apontam para práticas concretas contemporâneas: a procura, por parte dos peregrinos, da água da «fonte de Basto», nascente ainda hoje existente, junto ao curso de água vizinho à igreja⁶⁰, e a crença popular nas virtudes curativas do pó da tumba da Bem-aventurada.

É que – afinal – na *Loa* de Frei Jerónimo Baía, a vida e milagres de Santa Senhorinha pouco mais contam do que como pretexto para exercício estritamente literário, nas circunstâncias celebrativas já referidas, e que claramente se percebem.

Pedro Vilas Boas Tavares

Abstract:

We start from a poem, whose text is reproduced here, written in Castillian by the Benedictine Friar Jerónimo Baía «in praise of Santa Senhorinha Portuguesa». The poem is included in the 16th century compilation 'Fénix Renascida'. This article aims at enhancing the degree and type of interest the poet shows for the 'life and miracles' of this medieval saint, claimed as a pride of her Order, as well as for the devotional activity around the temple of Basto where the saint is buried.

alto os tumulos dos Santos, para que com mais decencia fossem venerados. Fes o rectabulo do altar, sacrario, santos, tudo dourado & estofado na forma que apparece. Deu hua crus & Lampadario de prata, hua custodia para serviço desta Capella, e se obrigou a dar azeite para que perpetuamente esteja ardendo Lume diante do Santissimo Sacramento»; «Em gartificação desta Capella, que Francisco Ribeiro do Canto fes toda de novo a sua custa o (?) & officiaes desta Igreja & mais fregueses lhe permitirão a sepultura que tem no meio della para si e erdeiros, descendentes. E movendo-ce sobre isto alguas duvidas no anno de 1638, o Doutor Francisco de Faria, Governador & Provisor pelo Ilustrissimo & Reverendissimo Senhor Arcebispo Primaz Dom Sebastiam de Matos de Noronha & o Doutor Gaspar Ozorio Coutinho, do dezembargo de Braga, vierão a fazer vestoria, da qual resultou hua sentença dada en Relaçam, en que se mandou que nesta Capela por veneração dos Santos não fosse ninguem abrir mais sepultura alguma que as que nella ha sob pena de excomunhão ipso facto posta ao Reverendo Abbade desta Igreja & seos sucessores, que o não consitão; a qual censura se confirmou por sua Santidade no anno de 1639, a 15 do mes de novembro; e que pusessem estas duas laminas ad perpetuum rei memoriam. & a Sentença e bullas estão no Cartorio des[ta] Igreja e no Mosteiro de Refoios».

⁵⁹

Ainda reflexo de susceptibilidades relativas ao uso familiar da capela, na qual, de resto, havia missa quotidiana instituída por Francisco Ribeiro do Canto? Não parece crível. Cf. nota anterior e António de Castro Xavier MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, 40, nota 1.

⁶⁰

Valorizada com indiscutível afecto, mas duvidoso gosto, no final do transacto século, por parte de um emigrante da terra, devoto da Santa.

The author attempts a state-of-the-art of the biographies and the hagiographic tradition available in Friar Jerónimo Baía's time, offering as well the text of the eighteen posthumous miracles of the Senhorinha, written «em hum portugues antigo» and read by Torquato Peixoto de Azevedo from a book then held in Basto, in the church named after the saint.

APÊNDICE

I

Milagres póstumos de Santa Senhorinha

Do «livro antigo de sua vida e milagres» que se achou na igreja da Santa, trasladado pelo Padre Torquato Peixoto de AZEVEDO, *Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães em 1692*, Porto, 1945, pp. 465-476.

Depois que vos contei os milagres que esta Santa fez em sua vida, ora vos contarei alguns que fez depois de morta, segundo ma disseram aquelles que viram, pero que em nenhuma guiza os poderia contar todos os que Deus por ella fez, e faz. Digo-vos que era um judeu que vinha de Samora a esta terra para vender mercadorias que tragia á colla, chegou ali hu esta Santa jas, e pos sua mercadoria pendurada de sima de um pão que chantou na parede, e des hi sobio no moimento de Santa Senhorinha, e pero todos lhe desiam que se decesse, no queria; e logo aquella hora o tomou o demo por tal giza, que cuidaram todos que era morto, pero a cabo de peça falou o judeu, e disse a grandes voses, que grande fé é a dos christãos, e quam grande é seu poder, que tambem reina nos ceos, como na terra: e dizia ainda asi ey esta Santa jas soterrada, e reina, e fas o que quer antre os mortos, como antre os vivos, e depois tomou todo o seu como cego, e foguei dali, e contava o que lhe succedeo, e chegou a Toledo á sua pouzada, e adoeceo, e o diabo que o tragia enganado levou-o ao inferno.

2.º Sahindo D. Payo, arcebispo de Braga, a vizitar o arcebispado e igrejas delle, veio a esta, onde a Santa jaz, e ouvindo dizer da Santa muitos milagres, entre os quaes lhe contaram que estava inteira de todo seu corpo, e parecia que jazia dormindo, e querendo-a soberrar ouvio voses de um cégo que esta Santa o iluminou, e comesou a bradar vejo eu as mãos do arcebispo, e o arcebispo. Ficaram todos espantados, e proguntaram ao cégo quem era, e porque bradava, elle dise que sempre fora cégo, e que ali uma mão tangera seus olhos, e que vira as mãos do arcebispo, e o moimento de Santa Senhorinha, o que vendo o arcebispo louvou muito a Santa, e dali em diante nunca mais ouve talante de abrir o seu sepulchro, o qual Deus quer que esteja serrado.

3.º Era um homem, que avia nome Silvestre, e morava na villa do Castello de Guimarães, e porque era demoniado foi-se á igreja de Santa Senhorinha para lhe pedir mercê, e o diabo tomou-o entom muito fortemente, e

faxendo oração, pos a mão sobre o peito, e logo ficou são, de giza que lhe mais non veio, e así contaram seus vizinhos, que nunca lhe mais viera.

4.º Um homem do reino de Leão, que era inchado como um odre, veio á igreja de Santa Senhorinha, e ditas as vespervas, acendeo suas candeas, e deitou-se ante o moimento da Santa, papa ariba, que de outra giza non podia fazer, nem dormir. Entom estava tanta gente na igreja que ninguem mais cabia. E dormindo todos dentro della, o homem inchado vio uma mulher vestida de vestidura branca que lhe dizia: homem dormis? Elle respondeo, como dormirei com tanta dor quanta padeço. E a mulher lhe disse: deita-te sobre o lado destro, serás são: e pareceo-lhe que lhe dera a mulher um cinto que o cingio. Deo de seu ventre tão grande brado, que todos os que dormiam dentro da igreja despertaram, e elle disse entom o que lhe acontecera, e que já era bem são pela virtude da Santa. Entom alçaram todos as mãos aos ceos, e deram graças a Deus, e a Santa Senhorinha. Era então regedor desta igreja um clerigo que havia nome Payo.

5.º No mesmo tempo que era regedor, este Payo nos disse que um homem da cidade de Samora chegára a esta igreja pelos milagres que ouvia, e tragia um filho em sima de uma besta, o qual era manco de sua nascensa, de tal giza que giolhos non tinha juntos se nom com os peitos, da qual causa nom poderia ser são por fizico, e haveria o moço vinte annos. Esteveram na igreja desta Santa acerca de quinze dias, e entom seu padre deste moço foi-se com outros lavradores fazer serviço ás vinhas da Santa, e leixou o filho na eyra, que guardase o pão. Esto fes seu padre por elle e seu filho merecerem o que comiam, e o mantimento que lhe dava a igreja da Santa. E logo apareceo uma mulher ao moço manco, e lhe disse: moço, da-me essa vara que tens na mão, e elle querendo-lha dar, alçou-se e deo-lha, e logo ficou são. E a Santa desapareceo, e o moço bradou, e os da vinha vierom, e proguntarom-lhe que era, e elle contou todo o que acontecera, os quaes deram grandes graças a Deus e a esta sua Santa, e logo se dali partio o moço são e salvo com seu padre, para sua terra.

6.º Este mesmo cler[g]o disse que elle vira dous mancebos cégos de sua nascença, os quaes eram de longas terras, e pello bem que ouviram desta Santa trabalharam de se vir a sua casa, e chegaram á cidade de Lisboa, onde jaz o corpo de S. Vicente, perguntaram entom onde era a terra onde jazia Santa Senhorinha, e outro si suas mulheres que com elles vinham. E disserom-lhe[s] que viessem ao arcebispado de braga, a par do rio que chamam Basto, e que ali jasia. Os quais cégos chegaram á igreja e contaram ao dito crelgo, por nome Payo, o que lhes acontecera. E poendo-se o sol, cada um se foi para sa casa. Entom ficaram os ditos cégos e suas mulheres ante o moimento da Santa, e

como quer que ambos fizeram oração, crede que um delles a fazia mais de coração que o outro, segundo veredes, que pasada a primeira vigilia da noite, estando as candeias alumiadas ante o moimento da virgem, um delles ouvio um trom tão grande que lhe parecia que a igreja cahia, e começou a chamar seu companheiro, o qual lhe proguntou, que é? Vejo toda a igreja cheia de candeias accesas, e dando grandes brados, com alegria foi tanger os sinos, e os crelgos todos e servidores da igreja se levantaram, e vendo do dito cégo assi lumiado, deram grandes graças a Deus e a esta virgem santa. O qual cégo depois, por muito tempo, das esmolas que lhe davam, comprava candeas para acender á Santa, e depois de largo tempo tornou para sua casa, são e salvo.

7.º Outro si vos digo me dise o crelgo, que uma mulher que tinha o ventre inchado havia dous annos, chegou á igreja desta Santa, e como cuidava era prenhe, maravilhava-se de não parir tantos tempos havia. Pedio a esta Santa mercê e ajuda, e fazendo sua oração com seu marido, e outras pessoas, ante o moimento da Santa, fazendo-lhe muitas esmollas e offertas que a quisesse alumiar em seu parto, acabada sua oração sentio no ventre grão ruido, ca nenhum non sabia o que ella tragia, e disse-o ás vizinhas, as quaes, cuidando que era parto, fizeram-na tornar á pouzada, e chegando a ella lançou do ventre uma grande cobra, de que todos ficaram espantados, e querendo a cobra fugir, a mataram, e louvaram a Deus e a esta Santa, a quem a mulher levou offertas, e rendeo suas graças.

8.º Outro si nos disserom homens de boa fama, que viram que hum homem mui poderoso chegou á igreja desta Santa, o qual mandou fazer um banho á porta da igreja, e entrando no banho leixou sua roupa fóra em uma cinta pendurada, e um esmolheiro em que andavam dinheiros de ouro. E um moço, chegando-se ao banho para servir o dito homem, vio a dita bolça e furtou os dinheiros, meteu-os no seio e foi-se. E o homem, depois que saiu do banho e nom achou os dinheiros, chamou o crelgo, que era Preposto da dita igreja, e ameassando dise que lhe fizesse dar seus dinheiros, da qual cousa o crelgo, como de boa vida ficou muito espantado, e foi chorando ao moimento da Santa, e disse: – Senhora mui gloriosa, de muitas tribulações, acode ás minhas preces, permite Senhora que me queirais hoje acorrer, e me livres das mãos deste homem poderoso. E logo se foi aos parceiros da casa, e disse que qualquer que os tivesse, os desse, e todos juraram que os non viram, até que o proguntou ao moço que os furtara, o que jurou que os non vira, e que se mentia a ira de Deus e da Santa viesse sobre elle, e que o demo o tomasse perante todos. Sede certos que ainda não tinha acabado a palavra e o demo tomou conta del, de giza que o lançou logo em terra, e os dinheiros sahiram logo do seio. O crego, á vista de todos tomou o dinheiro e o levou a seu dono. Prouve a Deus que o demo leixou

logo o moço, e o homem o quiz enforçar, mas por lho pedirem pola Santa, non curou dello.

9.º Um monge do nosso mosteiro nos disse que elle vira um moço que do ventre de sa madre nascera manco, e non andava senon sobre os cotovellos, arrastandose pollos campos, e tinha doze annos e um cavaleiro que lhe dava de comer por Deus, ouvio dizer dos milagres desta Santa, e confiando de sua mercê, mandou logo trager o moço á igreja, em sima de um asno, e seu padre e madre o alcançaram ante o moimento da Santa. Dormindo elles vio o moço vir uma mulher de dentro da igreja, a qual lhe apalpou todos os seus membros brandamente, e dise-lhe: moço alça-te, tomando-o pella mão. E o moço se alçou logo, e como se vio são, bradou a grandes vozes, dizendo: acorde, acorde, e os que o trouxerom no asno foram a elle, e acharam-no junto com o moimento da Santa, alçado em pé, e contou-lhes como lhe acontecera, e que era bem são. Deram graças a Deus, e elle foi a pé para sua casa.

10.º A cabo de tres annos aconteceu este milagre. Estando o povo da terra na igreja de Santa Senhorinha, para fazer a festa costumada em todos os sabbados, no verão, veio chuva, e meteo-se o povo na igreja. Uma mulher, havendo dó de uma sua filha, espio uma pelle, e deo-lha que a vestisse. A moça, olhando mais os trabalhos, e jogos que faziam, não parando mentes ao que sua madre lhe dizia, nom tomou a pelle. Vendo um homem esto, que estava apos ella, furtou a pelle, levou-a fora, e escondeo-a em uma casa. A cabo de pessa a madre perguntou á filha pella pelle, e ella respondeo que a non vio nem a tomou. Vendo esto sa madre, bradou tanto que toda a igreja encheo de brados, pella qual razom logo os cre[li]gos e leigos fizeram oração a Deus, que pollo amor da Santa obrase milagre. Sede certo que logo em a noite seguinte tomou o demo aquel que a pelle furtára, na casa em que pouzava, de que todos foram espantados. Vendo ello seu mal e a sua culpa, mandou pello crego da igreja, e confessou-lhe o seu pecado, que fizera na igreja da Santa, e entregando-lhe a pelle, o ditto crego a deo a sua dona. Os que isto viram derom louvores a Deus e à Santa.

11.º Ó quam proveitosa é a bençom desta santa para os que buscam sua mercê, ca inda digo-vos, que estando folgando em sua terra um principe deste reino, o qual era mui privado d'el-rei D. Affonso, e se chamava D. Gonçalo de Souza, mui poderoso, e todo o conselho d'el-rei era em el. Estando como dise folgando, chegarom a elle mensageiros dizendo que os inimigos lhe corriam a terra, e lhe tinham cercado o castello de Aguiar, o qual logo chamou suas gentes que pode aver, e foi-se para aver de descercar o dito castello. E chegando aonde jas o corpo desta Santa, lhe fez reverencia, e oração lhe nom lembrou. E hindo

ainda em vista da igreja metade de um campo, esteve pegada a mua em que hia o cavaleiro, a qual ell com espollas e pancadas nem podia abalar, mas antes a mua quedava mais rija. E pero se deceo della e a nom podia abalar. E vendo el esto lembrou-lhe como passára polla igreja da santa sem lhe pedir bençom e mercê, e sem fazer oração, e por esso lhe detinha a mua, e sofrendo a mua para tras, para se tornar á igreja, a mua logo tornou, e o cavaleiro fez sua oração, encomendando-se á Santa, e de si fes seu caminho, e com suas companhas descercou seu castello, e correo depos os inimigos, e tornou a sua casa com vitoria, e leixou recomendado a todolos fieis que sempre fizessem oração e reverencia á Santa Senhorinha.

12.º [Milagre relativo à prisão do irmão da Santa e deslocação desta a Toledo. Saltam à vista as incompatibilidades de tempo e lugar patentes neste relato. Deslocado da ordem natural, como milagre feito «ainda viva esta Santa», omitimos a sua correspondente transcrição].

13.º Um crer[ig]o nos contou que tres mulheres que em Guimarães haviam dores desvairadas, ca uma era demoniada, ca outra avia fluxo de sangue, e a outra como quer que paria muitos filhos, avia depois grão nojo, porque lhe morriam todos, as quaes juntas todas contaram suas dores cada uma ás outras, dizendo o bem empregadas eram em ellas, pois não queriam chegar onde a Santa jazia, que tantos milagres fazia. Entom prometeram todas tres que fossem a seu moimento com offertas, a qual cousa dentro em pouco tempo comprirão, e cada uma fes seu voto e petição a esta Santa, e de si tornou-se para sua casa, e a que era demoniada, e a outra que havia fluxo de sangue forom livres e sans, e a outra concebeo de seu marido, e pario um filho, ao qual pos nome Martinho, ca cabo de pouco disse mulher a seu marido, que pois lhe a Santa Senhorinha dera este filho, que lho levassem a seu moimento, com obrada e offerta grande, a que prougue a seu marido: Pero por quanto os homens ás vezes leixam os votos por outros negocios que lhes crescem, non os comprío, que assi fez este, e por tanto o moço foi a cabo de cinco annos mudo, que non falava, de que o padre e a madre se maravilharam muito um moço de cinco annos non fallar, e mais desearam nom o aver que de averem asi mudo, e os coitados nom se lembraram como prometerom de o levar ao moimento da Santa, pero a cabo de pouco lembrouse a madre, e disse-o ao marido: nom sabes como prometemos levar este moço ao moimento de Santa Senhorinha, e non o levamos! Sei certo que esta é a rezão porque nosso filho tem a lingoa seca, e non falla. E elles tomaram pendencia de seu pecado, e levarom o moço ao moimento da Santa, com grandes obradas, offertas e cirios, á ora de vespora. O moço que era mudo cinco annos bradou e disse: Padre meu. Enton lhe disse o padre: que queres? E o moço disse: quaes som as candeas que minha madre aqui pos por mim? Então o

padre e a madre, e todos os que presentes estavam, ficaram muito espantados, e louvaram a Deus e a esta Santa.

14.º Um homem, que avia nome Joane nos disse, que sendo servidor desta igreja havia soldada, e que uma hora lhe dera uma dor de cabeça, que cuidou ser morto, e que lhe furassem a orelha com um ferro, e vendo que a dor era grande, non ousaram de lla furar. Entom o enfermo pos a cabeça sobre o moimento, e dormindo, parecia-lhe que uma pomba metia-lhe o bico pella orelha, e logo perdeo a dor, e demais ficava mui confortado. Elle espantado do sonho, corria-lhe tanta postema pola orelha, que o campo enchia. Alçando-se do chão deo muitas graças a Deus e á Santa.

15.º Ouvimos aos cre[ri]gos da dita igreja, que virom como uma mulher, que morava a par de S. Pedro de Torrados, sempre fazia seu pão domingos e dias santos. Nom obstante dizer-lhe o abbade e os vizinhos, ella jamais deixava de coser o dito pão nas ditas festas, e uma hora aconteceo, estando em vespora de Santa Maria, ante o forno, para coser o pão, saltou o demo nella, e nom a leixou por muitos dias, até que uma ves prometeo que fosse a casa de Santa Senhorinha com suas offertas e obradas, e chegando a ella, estando diante do moimento, pondo sua obrada e alumando suas candeas, o demo saltou della mui fortemente, e vendo esto, um crego da igreja deo a esta mulher uma orelhada, e lançou-a no chão. E logo o espirito mão se sahio della em figura de gato, e sahio-se fora da igreja, e jamais nunca a ella tornou, e a mulher foi para casa louvando a Deus.

16.º Nestemedes tempo aconteceo que uma mulher de Braga tinha o braço junto com as costas, e ouvindo os milagres de Santa Senhorinha, veio á igreja, e dise ao cre[ri]go que regia: Padre senhor, rogo-vos que os que servis esta igreja roguedes a esta Santa que rogue a Deus por mim. Então o cre[ri]go disse: vai-te e confessa bem teus pecados, e nos faremos nossa oração, e como for sua mercê, assi o fará. Logo a mulher foi confessada, e a vespora, chegando ao moimento, orou chorando, e baixando-se ao moimento, entom o cre[ri]go pos o veu do moimento sobre a dita mulher. Ella começou de tremer, e logo o braço deo um estouro, e lhe disse o cre[ri]go: filha como te sentes? Ella disse: bem, que ja som sãa. E com o braço livre comesou de estender o veu sobre o moimento, e se foi para sua casa louvando a Deus.

17.º Uma dona, mulher de Payo Egeas, com quem muitas vezes comemos, nos disse, que estando um dia folgando com seu filho, e outras moças, que o pecado entrou em seu filho, de que ella ficou muito espantada, e com grande medo e dó de seu filho, que os olhos nom podera ter asoçados,

nem os braços que tinha estendidos, nom os podia colher assi, pero bradava por Deus e por sua madre. Asi era atormentada, que sete dias non comeo nem bebo, e cuidava que em ella non avia senon morte, e tomou ella e seu marido candeas e obradas, e foram á igreja de Santa Senhorinha, e fizeram de noite vigalias, e ella pos a cabesa sobre o moimento desta Santa, e dormio, e acordada sentio-se tão sã e fora do medo que asi havia, bem como se nunca o ouvesse. E logo com grande alegria chamou seu marido D. Payo. E elle disse: Senhora, que é? E ella disse: digo-vos que eu avia o que já nom hei. Entom foram tanger os sinos, e deram muitas graças a Deus, e demais esta Dona, se achava alguns desta dor, em lhes pondo a mão em nome da Santa, saravam logo.

18.º Em tempo d'el-rei D. Sancho de Portugal, estando o reino antredicto, e cazando a infanta D. Tereja com el-rei D. Afonso de Leom, nos disse esta Dona que, fazendo ella grande prazer em sua casa com seu marido e filhos, non considerando no que já passára, acontecendo que estando em uma noite dormindo, veo-lhe um fervor e um proydo nos olhos tão grande, que lhe parecia que de grado arrancaria os olhos senom ouvera medo de os perder. E logo em a manhã lavou-os bem com agoa fria. Nem por esto a dor nom se lhe foi, e os olhos lhe comesaram a lansar muita agoa, e era tão fervente que as queixadas lhe queimava, pero partindo-se a agoa dos olhos, elles ficaram cegos, e asi pasou um anno e meio. Desesperada da vista dos olhos, uma noite apareceo-lhe seu padre e lhe disse: filha dormes? E disse, que é? Padre, non está já morto? E el disse: já morto sou. E pois a que vieste? E elle disse: trago-te o lume. E ella disse: por ventura, padre, é a casa de Jerusalém já vossa? Ou é Portugal desantredicto? E elle disse: non, mas vai-te a Santa Senhorinha, e ahi acharás o lume. E a Dona contou todo a seu marido, D. Payo, e foram ao moimento da santa com suas candeas, e obradas, e esta dormindo chamou seu marido, dizendo que era já sã, e via toda a igreja como raios de sol, e assim deram grandes graças a Deus*.

* Este último milagre fornece importantes referências cronológicas, que permitem datar de finais do século XII ou de princípios do seguinte a sua redacção. Como é sabido, a infanta D. Teresa, casou com Afonso IX de Leão em 1191. Segundo informa Rui de Pina, depois de interditos e sanções fulminados contra ambos os reinos, pela irregularidade canónica daquele matrimónio, celebrado entre primos co-irmãos, estes separaram-se em 1207, obedecendo à Santa Sé (cf. *Coronica DelRey D. Sancho I*, cap. XV, in *Crónicas de Rui de Pina*, Porto, Lello & Irmão, 1977, 52-56). A infanta entrou em religião cerca de 1228 e faleceu em Lorvão a 18 de Junho de 1250. Seria beatificada a 13 de Dezembro de 1705. A referida «aparição» à mulher de Payo Egeas do seu falecido progenitor situa-se assim, ainda em reinado de D. Sancho I (falecido em Coimbra em 26 de Março de 1212), pelo que o *terminus post quem* da redacção deste milagre não fica tão posterior aos outros como julgou Maria Helena da Rocha Pereira (*art. supracit.*, 129), que equivocadamente o situou nos anos trinta do século XIII, no reinado de D. Sancho II.

II

EM LOUVOR DE SANTA
SENHORINHA PORTUGUEZA

LOA

Noble Scena un Raton Pobre
Como aquel que Horacio pinta,
Que es muy ridiculo parto
De una preñes bien altiva.
A vuestra Scena un Raton,
Viene con su figurilla,
Que a las Scenas los ratones
Ellos por si se combidan.
Vós pues gente estraña y propria,
Que toda sois peregrina,
Vós galanes, y vós Damas,
Digo vós Faunos y Ninfas.
Vós casadas, vos solteras,
Viudas, rapazes, niñas,
Mas baste, que un Raton noble
No repara en niñerías.
Oid del Raton un rato
La Loa mas exquisita;
Es cosa del otro mundo
Que al fin es de la Bahia.
Sus mercedes mucho callen
Sus mercedes nada digan,
Pues mas urbana mi Musa
Se lo pide en cortesía.
La Loa pues se consagra
A una Santa esclarecida,
Por su sangre Señoraça,
Por su virtud Señoriña.
Venció, naciendo de Condes,
Su virtud a su familia,
Santa fue por excelencia,
Fue noble por Señoria.

Si deseays su retrato,
Hallareis que parecia
La mas linda entre las Santas,
La mas Santa entre las lindas.
Todo esplendor su cabello
Con corona repetida,
Quando por bella le adorna,
Por Santa la Canoniza.

Luzia un Alba en su frente,
Que deshecha en perlas finas,
A la beldad se llorava,
A la virtud se reia.

Miente quien al de la vieja
Arco del Cielo appellida
Porque los arcos del Cielo
Son dos cejas desta Niña.

Un Sol dormia en sus ojos,
Ya cañados de Vigalias,
Mas al Cielo madrugava,
Quando a la tierra dormia

Como si fuera virtud,
La naris en medio habita,
Mas haze al medio del rostro
Extremo de bizzaria.

Candidas y vergonçosas
Las flores en sus mexillas,
Quando virtudes mesclavam,
Hermosuras confundian

No puede la Virgen Rosa,
Viendo su bocca Divina,
Ni por Rosa ni por Virgen
Dezir: Esta boca es mia.

Porque su Divina bocca
A la Rosa, que mas brilha,
Si reza, en un credo mata,
Si calla, en un punto abysma.

He un gyrasol de nieve
Su cuello, que Pharo embidia,
Pues siempre al Cielo se eleva,
Aun quando al suelo se humilla.
El numero de crystales,

Que sus bellas manos cifran,
Si ay dedos porque se cuenten,
No ay manos porque se midan.
En qualquiera cosa que entren
Estas manos cristalinas,
Si al entrar son açucenas,
Al salir son maravillas.
En poco pie mucha nieve
Toca la tierra inimiga,
Que poco a la tierra toca,
Quien mucho a la tierra piza.
Fin del Retrato: Laus Deo,
Que la Musa que me inspira,
En este mar de belleza,
Ya tomò pie de cantiga.
Un Conde de Real Sangre
Su Hymineo solicita,
Mas si el busca matrimonio,
Ordem ella pertendia.
Con Dios quiso desposarse,
Fuesse a ser Monja Benita,
Para hazerse despues negra,
De quien antes fue cautiva.
Junto al Ave ilustre Rio
A su JESUS se dedica,
Que mucho buscasse al Ave,
Quien adorava a MARIA.
En este Jardin del Cielo
Hizo sus flores mas ricas,
Jasmin solo en los desmayos,
Rosa solo en las espinas.
De una flor en otra flor
La Santa se convertia,
Era clavel en la sangre,
Perpetua en la disciplina.
Del Ave al Basto passo,
Con que dos Rios se miran,
Tan perennes con su fama,
Como claros con su vista.
De las tierras, de las aguas,
Ó mi Rio, ò Patria mia,
Por tal suerte, y por tal Santa,

No eres Basto, eres manilla.
Los milagros, que aqui hizo,
Es bien que un Raton los diga,
Porque quando los numera,
Entonces los ratifica,
Mas qual primero ha de ser?
Esto lo dize la enigma,
Sea de harina el primero,
Porque *oremus est farinam*.
Harina para el sustento
Le faltava a Señoriña
Y haciendo harina tan buena,
Fue faltarle lo que hazia.
Los ojos puso en el cielo,
Y como tienen dos niñas,
Que como dos niñas lloran,
Como dos viejas hechizan,
Oyó sus lagrimas Dios,
Y llamando gerarquias,
Ordenó que los salvados
Se occupassen con la harina.
Los Angeles la sierviron
Moliendo, mas sin fatiga,
La harina, que deseava,
Con el agua, que vertia.
Mas sacos de harina llenos
Dios le dio, que ella pedia,
Que Dios sabe dar a sacos,
Los hombres a sacos quitan.
Vaya prodigio segundo,
En que la Santa Castiga
Las Ranas, por dezidoras,
Y por dizidoras frias.
Entre Ratones y Ranas
(Homero lo testifica)
Huvo una batalla griega,
sin armas, mas con heridas.
La guerra a dos elementos
Occupava, pues se hazian
Por el agua las entradas,
Por la tierra las salidas.
Nós por agua, ellas por tierra,

Yà con suerte, y con desdicha,
Las poniamos de lodo,
Y el polvo nos sacudian.
Con mas tierra, y con mas agua,
Por instantes soccorrian
Ratisbona a los Ratones,
Y Venecia a las Ranillas.
Vencimos tandem, y con esto
A batalla tan reñida.
Lleve el agua rio abaxo,
Eche el campo tierra acima.
Sabiendo pues nuestra Santa,
Por su mucha astrologia,
(Que desde muchacha siempre
Puso en el Cielo la mira)
Que un Raton muy su lacayo
Oy a loarla venia,
Brindando, & no sin razon,
Con su gracia a vuestra riza,
Las Ranas enmudeció
De Ratones enemigas,
Porque rezando ella baxo,
Ellas recio respondian.
Calló la torpe canalla
Con ronca, y sin valentia,
Musica si, mas no dulce,
Lavada si, mas no limpia.
Del agua al vino me passo,
En la tercer maravilla,
Bien que no es el vino aguado,
Por que es pura Señoriña.
Viendo el agua tan culpada
Nuestra Santa perigrina,
Quiso transformarla en vino,
Solo para convertirla.
Vino al vino muy debota
La sed con hydropesia,
Bevalo por almudes,
Tomavalo por reliquias.
Mil vezes obrò el milagro
Quando vino no tenia,
Y dela fuente de Basto

Hizo fuente dela *pipa*.
Era el vino milagroso,
Pues, para la eterna vida,
Los varones se arrojaron,
Las mugeres se encendian.
Con muy grande promptitud,
Y con mayor alegria,
La servian ambos sexos,
Mas a secas no servian.
Siguese el quarto prodigio,
Mas dexemos esta lista,
Que pues los haze sin numero,
Sin numero se repitan.
Aun ciego, que a su sepulchro
Sino le vé, le visita,
Concedio vista tan clara,
Que a los ojos se venia.
Sana un mudo, sana un sordo,
Y con doble maravilla,
Pone la bocca en la oreja,
Pues una suelta, otra libra.
Sana coxos, sana mancos,
Con celestial medecina,
Y los dexa tan contentos,
Que dan de patas arriba.
Con su tierra haze milagros,
y mas que la tierra misma,
Que puede hazer con el Cielo,
Quien con la tierra dà vida.
Sana todos los enfermos,
Muchos muertos resuscita,
Da mil hijos a mugeres,
Mejor les diera mil hijas.
Los hydropicos, los prezos,
Mas baste, por que no digan
Que Ratones alas Ranas
En ser parleros imitan.
Demas, que ya mi memoria
De mi sustento empedida,
Va quedando a buenas noches,
Con el queso destes días.
Oy pues consagro ala Santa

La Comedia, que publica,
Solo el piedoso es mi hijo,
Porque la Santa es muy pia.
Y vos huespedes sublimes,
A cuya gran hidalguia,
Todas las fiestas son justas,
Porque todas son devidas
Vós, que en el bruto mas fiero,
A la gineta, a la brida,
Ostentais dichosamente
Ser maestro de dos Sillas.
Vós, cuya varonil gala,
En cada qual nos avisa
O que Jacintho no es muerto,
O que Adonis resuscita.
Mis defetos perdonad,
Pero vòs, o gente mia,
Que pudierais ser de Roma,
Mas que de Basto patricia.
Mis aciertos applaudid
Porque sin culpa, y con dicha,
Unos perdones me lluevan,
Otros las gracias me rindan